



**CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO**

**SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR**  
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO**

**PRESIDENTE: JAIR TATTO**

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA  
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo  
DATA: 12 DE NOVEMBRO DE 2021

---

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Bom dia a todos, todas e todes. Eu gostaria de pedir desculpas, novamente, pelo atraso que tivemos, pois queríamos começar nossa audiência pública com todos os convidados.

Informo que esta reunião está sendo transmitida ao vivo por meio do endereço [www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online](http://www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online), pelo Youtube e também do Facebook da Câmara Municipal de São Paulo. Essa audiência vem sendo publicada no *Diário Oficial da Cidade* desde o dia 4/11/2021. As inscrições para pronunciamento foram previamente abertas no *site* da Câmara Municipal de São Paulo desde o dia 3/11/2021, no endereço [www.saopaulo.sp.leg.br/audienciapublicavirtual](http://www.saopaulo.sp.leg.br/audienciapublicavirtual) e, neste momento, presencialmente, junto à secretaria da Comissão.

Informo também que todas as audiências públicas realizadas por esta Comissão podem ser acompanhadas pelos canais digitais ou, presencialmente, nos locais previamente agendados e divulgados. O acesso do público em geral à Câmara Municipal de São Paulo será permitido mediante o uso obrigatório de máscaras, aferição obrigatória de temperatura e, segundo o cronograma vacinal municipal, à apresentação de comprovante de vacinação ou relatório médico que justifique óbice à imunização, conforme artigo 2 do Ato 1.504, de 2 de março de 2021, alterado pelo Ato 1.523, de 20 de outubro de 2021.

Lidas as formalidades, convido para compor a Mesa os Srs.: companheiros da Mandata Coletiva Quilombo Periférico, Covereadores Alex Barcellos e Débora Dias; Amanda Abreu, do Indique uma Preta; Agnes Roldan, da rede Ubuntu Coletiva Jovem; Lúcia Udemezue, da Ação Educativa; Ramirez Augusto Lopes, representante da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Coordenador de Políticas para Juventude; Priscila Rodrigues Martins Silva, representante da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo. Registro também as presenças, on-line, da Sra. Maria Eugênia Ruiz Gumiel, da Fundação Paulistana de Educação, Tecnologia e Cultura; da Vereadora Luana Alves e da Sra. Joice Berth, representante do mandato do Vereador Eduardo Suplicy.

Bom dia a todos os que nos acompanham, presencialmente e on-line. Começo

dizendo que o tema desta audiência pública é muito importante, pois, neste momento, estamos discutindo nesta Comissão de Finanças, estamos discutindo o Plano Plurianual, que está em tramitação na Casa.

O recorte sobre o desemprego da juventude é algo que deve ser pensado em suas especificidades, porque tanto quando analisamos os dados como quando fazemos análises políticas mais qualitativas, também conseguimos observar que a juventude tem questões muito particulares. Justamente por ser um problema de proporções tão grandes, é importante que discutamos sobre ele agora que estamos discutindo a lei que traça o planejamento orçamentário para os próximos quatro anos. As considerações que surgirem a partir daqui, independentemente de que políticas públicas elas se tornem, precisam de verba garantida para acontecerem. Por isso, é essencial que as discussões estabelecidas aqui cheguem a todos os Vereadores da Casa para que eles considerem os investimentos pedidos pela população no momento de formular suas intervenções nesse planejamento e na elaboração de seus projetos.

Para contextualizar, o PPA irá determinar os programas mais amplos, nos quais todas as políticas públicas municipais devem ser amparadas. No caso da Cultura, por exemplo, estará escrito, no PPA, “acesso à cultura” e, nele, encontramos políticas importantes conhecidas por todos, como o VAE, que atinge principalmente e fomenta a cultura da periferia da Cidade, garantindo, por exemplo, verba para oficinas nas Casas de Cultura. Mesmo que essa lei demonstre algo grande, sabemos que, dentro dela, há programas muito específicos e importantes dentro das Secretarias.

A LOA, por sua vez, que é a Lei Orçamentária Anual, estabelecerá quanto cada política pública específica terá de orçamento para o ano seguinte. No caso, estamos debatendo o orçamento de 2022.

Embora esta audiência não tenha a finalidade de discutir o PPA e a LOA, gostaria de pedir, caso haja sugestões e propostas já consolidadas para alguns desses temas, que protocolem e encaminhem para nossa Comissão de Finanças neste momento. Isso é muito importante, pois fará com que elaboremos um orçamento que esteja conectado com a

realidade da política pública que está sendo discutida, e não como letra morta, que depois teremos que alterar mais adiante conforme a gestão for sendo feita. Temos feito muito esta discussão dentro da Comissão de Finanças, sobretudo na subcomissão de Cultura: o quanto o orçamento sai desconectado em relação a como a política pode ser aplicada na realidade. Então, para nós é muito importante que todas essas demandas apareçam no momento em que fazemos a discussão da LOA e do PPA.

Anuncio a presença, *on-line*, do Vereador Eduardo Suplicy e também da Vereadora Sonaira Fernandes.

Abriremos a audiência pública com a fala da Sra. Lúcia Udemezue. Seja bem-vinda.

**A SRA. LÚCIA UDEMEZUE** – Obrigada, Excelentíssima Vereadora. Bom dia a todos os presentes. Agradeço imensamente a dedicação da Mandata Quilombo Periférico e das demais mandatas que fizeram acontecer esta audiência na data de hoje, em especial aos mandatos dos Vereadores Erika Hilton, Suplicy e Luana Alves.

Estamos hoje nesta audiência pública para falar de um ponto muito importante: a situação da juventude na cidade de São Paulo. Infelizmente, encontramos um cenário de desmonte ou paralisia da participação em todas as áreas, mas principalmente no segmento da juventude. Atualmente, estou coordenando um projeto na Organização Social Ação Educativa, chamado Mude com Elas, voltado à discussão sobre a juventude, especialmente com recorte de gênero e raça. Então, estamos falando de jovens mulheres negras, que precisam de um olhar específico. E, no todo, sabemos que a juventude periférica da cidade de São Paulo, que não acessa os privilégios da educação, não pode passar até os 25 anos exclusivamente estudando, pois precisa, infelizmente, a partir da adolescência já ingressar no mercado de trabalho ou na geração de renda informal.

Essa juventude, nesse período de pandemia, sofreu um grande abalo. Se já havia um problema sistêmico de acesso à juventude a uma qualificação profissional ou acesso de forma saudável ao mercado de trabalho, hoje vemos uma grande apatia dessa juventude, que está desmobilizada socialmente falando por conta da pandemia, mas também por conta de não

acessar as políticas públicas municipais de São Paulo voltadas para a juventude nesse recorte específico que estamos falando, do mercado de trabalho.

Então, estou bem feliz. Quero agradecer a presença do Ramirez, Coordenador de Políticas para a Juventude do Município de São Paulo, e os demais representantes da Prefeitura de São Paulo, como da Secretaria de Trabalho. Para nós, é bem importante. Iniciamos um processo desde junho com uma rede chamada Rede Multiatores, que junta a rotina de organizações, ativistas e pessoas que estão a fim de debater a questão da juventude, como movimentos estudantis ligados aos cursinhos populares e à educação popular. Desde junho, estamos nesse esforço de aglutinar essas pessoas em torno dessa temática, fazendo conversas bilaterais com algumas organizações e setores do Executivo. Realizamos diálogos com a Coordenação de Políticas para as Mulheres, com a juventude, com a Secretaria de Trabalho, e pretendemos ampliar esse diálogo e tentar trabalhar junto a vocês, do Executivo e Legislativo. Mas nesta Casa, especialmente, peço que os mandatos se atentem à questão do orçamento público voltado para essa questão.

Assim, estamos nesta Comissão para falar especialmente sobre financiamento e injeção de orçamento na Secretaria de Direitos Humanos, a qual, para nós, é fundamental que abrace e aglutine todas essas ideias e fortaleça as políticas públicas para a juventude. E quando estamos falando de igualdade racial, políticas para as mulheres e juventude, estamos falando justamente da ponta mais frágil dessa história, que são as jovens mulheres negras, que, além de aglutinarem a questão dos estudos, ainda têm a questão da maternidade, dos cuidados da casa, dos cuidados familiares, que sempre sobrecarregam esse segmento específico.

Sabemos que a Educação, infelizmente, tem seus limites e temos que caminhar com a Educação nesse debate. Aproveito para convidar os Vereadores e Vereadoras presentes nesta audiência pública para que façamos uma conversa com a Secretaria da Educação para que possamos pensar ações que ampliem a possibilidade de trazer, por exemplo – como uma de nossas propostas que está em um documento que iremos protocolar

nesta audiência pública –, a oportunidade de haver vagas de jovens aprendizes no próprio serviço público para tentar amenizar um pouco o impacto financeiro, de renda dessas famílias. Que possamos unir Educação e Gestão de Trabalho de forma digna, pois estamos falando da preocupação dessa juventude em acessar trabalhos que não firam direitos humanos. Estamos também pensando nessa lacuna, bem específica, entre o primeiro emprego e a saída do Ensino Médio: quais as perspectivas que a juventude, principalmente a preta e periférica, de São Paulo tem?

Sabemos dos limites de compreensão, sabemos da diversidade política que há nesta Casa assim como no Executivo. Porém, nossa ideia é conseguirmos equalizar a realidade dos servidores em termos de estrutura, e eu já estive trabalhando nesta Casa e no Executivo e sei que os próprios servidores têm que negociar com a gestão para conseguir tocar seus projetos; mas queremos, justamente, a possibilidade de iniciar esse processo.

— Acredito que esta audiência pública inaugura esse capítulo importante que é a retomada das políticas públicas para a juventude, pensando a qualidade e acesso dela ao mercado de trabalho e à geração de renda. Deixamos algumas indicações. Já entreguei para os participantes da audiência e também para os convidados as nossas propostas iniciais para pensarmos o quanto o orçamento público pode ampliar e também criar um plano municipal específico, com alguns eixos que incluem formação, emprego, geração de renda, equidade de raça e gênero visando a fortalecer as políticas que já existem no município de São Paulo. Assim, não precisamos inventar a roda, pois há muita coisa que já está realizada e precisa de investimento e avaliação contínua, como, por exemplo, a Frente de Trabalho, o Jovem Monitor Cultural, o Jovem Agente de Saúde, o Bolsa Trabalho, o Bolsa Cursinho. E pensamos nisso em termos de curto prazo, com ações que já estão dentro do sistema municipal e podemos pensar em desenvolver em 2022.

Também peço encarecidamente aos Vereadores e Vereadoras que também abramos diálogo com a Secretaria de Cultura. Não sei se hoje a Secretária Aline Torres virá ou há algum representante da Secretaria. Mas seria bem importante pensarmos nesse acesso

para os jovens que desejam entrar em profissões do segmento da Cultura, que, sabemos, é extremamente elitizado, principalmente quando pensamos nos ramos do cinema, do teatro e da dança, impensáveis para o jovem periférico em termos de ingresso como profissionais da Cultura.

Para além dos editais voltados para a juventude, temos que pensar em uma profissionalização ampla, na área de tecnologia, das ciências, no acesso à universidade pública. Sabemos que tudo isso é uma gama imensa, mas é possível ser feito. Muito já foi feito, há bons exemplos de projetos que foram executados no município de São Paulo. Nossa intenção aqui é convidar quem está assistindo a esta audiência para somarmos esforços para construir, com a Casa Legislativa e o Executivo, a ampliação desse acolhimento à juventude, que está bem abalada com a pandemia.

Agradeço mais uma vez a oportunidade à Excelentíssima Vereadora, a qual eu tenho muito orgulho de chamar de Excelentíssima pela primeira vez. Obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Muito obrigada, Lúcia. Antes de seguirmos, quero fazer um convite que eu havia esquecido de fazer. Convido, para compor a Mesa, Stephanie Felicio da Silva, representante do Conselho Municipal de Juventude, que vem, inclusive, trazer alegria a esta Mesa. Seja muito bem-vinda.

**O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY** – Sra. Presidente, eu me disponho a fazer uma breve comunicação.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Pois não, Vereador. Tem a palavra.

**O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY** – Bom dia a todos os presentes.

“Aos representantes do Poder Executivo: Claudia Carletto, da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania; Aline Cardoso, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo; Maria Eugênia Ruiz Gumiel, Diretora-Geral da Fundação Paulistana de Educação, Tecnologia e Cultura; Renan Marinho Vieiro, Diretor-Presidente da Ade Sampa; Ramirez Augusto Lopes Tosta, da Coordenação de Políticas para Juventude;

Luanda Mayra, do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – Ceert; Agnes Roldan, da Rede Ubuntu e da Coletiva Jovem; e Micoli Cerqueira, da ONG Ação Educativa.

Recebi, com entusiasmo, as informações sobre o projeto Mude com Elas, que consiste em promover ações que possam erradicar um grave problema entre os jovens, especialmente os periféricos, jovens negras e negros, indígenas e todos e todas que vivenciam situações de vulnerabilidade social, que se agravou ainda mais nessa pandemia.

Acredito que é de excepcional importância garantir as condições para que a juventude se desenvolva adequadamente, prepare-se para cumprir com as responsabilidades bem como usufruir dos direitos que o exercício da cidadania nos confere. Creio que todas e todos sabem da minha luta pela Renda Básica de Cidadania, para que seja devidamente implementada em todo o Brasil, pois já é lei aprovada e sancionada – em janeiro, fará 18 anos –, com total adesão de todo o Congresso; e que, nesses tempos de pandemia da Covid-19, demonstrou sua real importância, conquistando ainda mais o apoio público para sua implementação.

Em minhas palestras no Brasil e em diversos países do mundo e em conversas públicas e institucionais sobre a Lei 10.835, que instituiu a Renda Básica de Cidadania, costumo usar como exemplo o caráter preventivo que terá sobre vida da juventude brasileira, que sofre e sempre sofreu com falta de recursos e oportunidades, que acarretam a sua aderência à criminalidade, entre outros males que prejudicam e até encerram precocemente a vida de tantos jovens pobres e periféricos, sobretudo pretos e pardos.

Tenho consciência de que a Renda Básica de Cidadania não pode dar conta de todas as complexidades que envolvem a vivência que nossos jovens, que vivem em vulnerabilidade social; contudo, penso que é importante. Falo isso sobretudo para resgatar a autoestima e promover o reempoderamento, que pode levá-los a lutar por melhorias em suas vidas e em suas unidades, uma vez que podem garantir a permanência nas escolas, levá-los à universidade, traçar caminhos de relevância social e ocupação dos espaços de poder, onde

poderão fazer as transformações sociais necessárias.”

Nesse sentido, além de todas as questões que aqui serão dispostas, coloco-me à disposição para estar somando esforços, dialogando com o Executivo e levando as devidas proposituras orçamentárias ou não, para a discussão do encaminhamento favorável, e deixo um ponto, para que um dos pleitos seja o fortalecimento da luta, o quanto antes pela Renda Básica de Cidadania para todos e todas, em São Paulo e no Brasil.

Muito obrigado. Parabéns.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, nobre Vereador Suplicy.

Tem a palavra a Sra. Agnes Roldan, da Rede Ubuntu, Coletiva Jovem.

**A SRA. AGNES ROLDAN** – Bom dia a todos. Primeiro agradeço aos mandatos, que nos ajudaram a estar aqui hoje. Primeiro me apresentando, sou Agnes Roldan. Faço parte da rede Ubuntu, de Educação Popular, e também faço parte da Coletiva Jovem, que é uma pesquisa Fapesp, que pesquisou coletivos empreendimentos nas zonas Sul e Leste de São Paulo, nas periferias, buscando analisar sobre renda e trabalho desses jovens. Então, é de extrema importância esse debate aqui hoje.

Eu não podia deixar de ressaltar alguns dados que já estão destacados na carta que a gente enviou, sobre como é a vida do jovem no Brasil, como é a vida do jovem que tenta iniciar a sua carreira de trabalho neste País. A taxa de desemprego juvenil, na faixa dos 18 aos 24 anos. A gente está falando aqui de juventude. No Brasil, ficou em 29% ao fim de 2020, a maior vista desde 2012. Então, a gente está falando de recordes tristes neste País. Quando os dados passaram a ser aferidos, os números representam mais do que o dobro do desemprego da população em geral, de 13%.

A PNAD também, referente ao trimestre de 2021, sobre a desocupação entre os jovens brasileiros, traz dados muito significativos. Entre os jovens na faixa de 14 a 17 anos, o índice foi de 46%, indicando aumento de 3% em relação ao último trimestre de 2020.

Então, a gente está falando de um recorde muito triste, quando esses jovens estão

procurando emprego e não estão achando. Quando a gente fala sobre isso, sempre reforçamos aquele discurso do nem-nem. Na verdade, esses jovens não são nem-nem, nem trabalham nem estudam. Eles são sem-sem, sem trabalho e sem estudo. Não lhes foi dada a oportunidade de trabalhar. O povo brasileiro ama trabalhar, ele ama e tem orgulho do seu trabalho. Eu nunca vi um brasileiro tendo tristeza ao ir para o trabalho. Hoje, inclusive, eu estava vindo para esta Casa e pude observar todos os brasileiros indo trabalhar, todos os brasileiros indo correr atrás do seu pão. Todos nós aprendemos isso na nossa infância. E como nós aprendemos algo que não podemos exercer, como nós aprendemos a trabalhar, a amar o nosso trabalho, se nós não podemos ter direito ao trabalho? Como nós vamos estudar se nós não temos direito ao estudo? Impressiona-me que, numa cidade como São Paulo, que seria o motor do Brasil, o Poder Público não pense acerca das políticas que tocam as relações de trabalho. O trabalho é o que sustenta as nossas vidas, sustenta a nossa estabilidade e a nossa relação com o consumo na Cidade. Como pensar a Cidade sem pensar trabalhos decentes e políticas públicas de trabalho para os jovens?

O incentivo ao trabalho, por meio de políticas específicas, é uma necessidade. Aqui mesmo antes da pandemia, os jovens enfrentavam dificuldades para acessarem o mercado de trabalho. E, com a pandemia, houve um agravamento dessas relações e a instabilidade da vida desses jovens, que planejavam construir algo. Aqui eu não falo de esforço, já que o jovem, no Brasil, deveria ser aplaudido apenas por continuar vivo, principalmente o jovem periférico, tendo em vista as desigualdades enormes que existem neste País.

Aqui falo do cumprimento das leis e deveres do Estado. Para eu pagar o almoço, que não é de graça, como alguns Vereadores já citaram aqui uma vez, eu preciso viver em um lugar que me permita ter um trabalho decente.

O Estado aqui não faz um favor, e sim cumpre o seu dever, promovendo uma oferta, que contempla a demanda. É uma necessidade que o orçamento desta Cidade pense no jovem e pense na entrada no mercado de trabalho.

Faço aqui uma provocação, para que repensem. Entendam a austeridade que

acontece no Estado. Só não entendo como, no Brasil, essa austeridade é aplicada de forma tão cruel, a ponto de rejeitar a preservação ou a criação de políticas básicas. Nada anda sem trabalho. Nossos jovens querem trabalhar, querem se orgulhar de viverem aqui e querem caminhar sem medo da fome.

Então, assim hoje eu reforço, por meio desse discurso, a importância de os senhores incluírem políticas públicas, para pensar desemprego de uma forma mais profunda, e também ressaltar a criação de uma subcomissão da juventude, que pense em trabalho e renda.

Então, eu queria falar mais um pouquinho. Eu nasci no distrito que foi considerado, nos anos 1990, o bairro mais violento no mundo pela ONU, o Jardim Ângela. Eu cresci nesse lugar, e pude ver, ao meu redor, muitas histórias, diversas histórias, e todas elas se relacionam com trabalho. Os jovens que começaram a trabalhar, aos 13 anos, não tiveram a mesma oportunidade do que eu, em cursar uma universidade, não tiveram a mesma oportunidade que eu, hoje, estar falando que vão se formar. Os jovens que começaram a trabalhar cedo para ajudarem a sua vida ainda trabalham, e trabalham em condições precárias, perto, próximo a minha casa. A informalidade está posta. Esses jovens não estão empreendendo, eles estão passando por condições precárias de trabalho. Esses jovens estão vivendo uma realidade que não era para ser vivida num País que é tão rico como o Brasil, que tem tanto potencial de providenciar a esses jovens uma estabilidade melhor, uma entrada no mercado de trabalho decente.

Então, aqui eu reforço, na minha fala, a importância que esta Casa pense realmente e disponha a reforçar as políticas que já existem no campo do trabalho para jovens.

Eu fico chocada até, e novamente reafirmo que, em São Paulo, haja tanto descaso, uma Cidade que fala tanto de trabalho, que fala de ser o motor do Brasil, uma Cidade tão rica, e há pessoas que têm descaso com políticas públicas, que pensem em trabalho, trabalho esse que toca todas as vidas de todos nós que estamos aqui hoje, inclusive de pessoas que estão trabalhando aqui, exercendo seu trabalho, vendo-nos agora e ouvindo a gente agora. O trabalho toca sonhos nossos, planejamentos nossos e o sustento de toda a nossa vida.

Então, como esses jovens vão ter uma perspectiva de vida se não têm perspectiva de trabalho, se eles não têm perspectiva de empregabilidade no País? Como a gente pensa financiamento, como a gente pensa finanças, como a gente pensa distribuição de orçamento, sem pensar trabalho e sem pensar na juventude, que mais tardar, são os adultos deste País e que, mais tardar ainda, são os nossos idosos?

A gente precisa de um País em que os jovens possam ver os seus avós, coisa que é muito difícil na periferia, coisa que foi destacado no mapa da desigualdade, onde, na periferia, há uma média de vida de 56 anos. Eu não quero esse Brasil. Eu quero um Brasil onde a gente possa pensar na perspectiva em que o pobre tenha uma vida onde consiga se sustentar, em que o jovem tenha uma perspectiva de vida que não precise entrar no mercado de trabalho, na informalidade, aos 14 anos; em que o jovem possa estudar e em que o jovem tenha oportunidade e a garantia do Estado – de que o Estado vai cumprir os seus deveres, os deveres que são garantidos pelas leis, os deveres que são garantidos pela Constituição.

Então, novamente reafirmo aqui. Eu não falo de favores, aqui eu não falo de má distribuição, aqui eu não falo de vitimismo, aqui eu falo de políticas públicas que devem ser criadas e que precisavam ser pensadas a partir do que a gente já tem, a partir das leis que já existem e a partir do cumprimento dos deveres do Estado.

Agradeço novamente.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Muito obrigada.

Tem a palavra a Sra. Nicole Cerqueira dos Santos, representante da Rede Multiatores, Projeto Mude com Elas, que está on-line.

**A SRA. NICOLE CERQUEIRA DOS SANTOS** – Olá. Bom dia a todos aqui presentes. Quero agradecer toda a articulação da Rede Multiatores, da Mandata Quilombo Periférico e por todas as outras articulações de todos os mandatos que estiveram aqui com a gente, que fizeram o possível de isso estar acontecendo.

Eu gostaria primeiro de me apresentar aqui, falando de mim, de minha trajetória. Meu nome é Nicole Cerqueira, reforçando mais uma vez. Eu sou uma jovem de 23 anos,

moradora do extremo sul da cidade de São Paulo. Moro em Parelheiros, distrito que é de remanescentes de Mata Atlântica. É o distrito que também é o mais distante do centro da Cidade e é o distrito que, não coincidentemente, concentra a maior densidade de população negra da cidade de São Paulo.

Então, aí já está o indicativo, para a gente pensar onde está a nossa população preta. Eu sou estudante de psicologia. Eu sou articuladora cultural aqui no território de Parelheiros. Há lutas travadas tanto aqui, em Parelheiros, quanto na Câmara. A gente conseguiu, em 2019, o primeiro equipamento cultural aqui. Isso para a gente foi uma luta muito grande da juventude, inclusive que esteve presente o tempo todo nesse processo.

Eu faço parte também da equipe do projeto Mude com Elas, pela Ação Educativa. Esse projeto é implementado pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha e Ação Educativa. Projeto que enfatiza muito bem a importância de recorte de gênero e raça, quando a gente vem pensar no mundo do trabalho, quando a gente vai pensar no mercado de trabalho e juventude.

Esse projeto se estrutura em três frentes, que é a incidência política, a arte, população da Rede Multiatores e a formação de jovens multiplicadores desse debate, além da inserção de jovens mulheres negras e empresas, que são parceiras.

Frente a esse projeto, a gente consegue perceber a importância dos recortes de raça e gênero dentro dos debates, sendo que a população negra é mais da metade da população brasileira e a mais sub-representada dentro do mercado de trabalho.

Então, a gente precisa falar sobre isso, a gente precisa pautar essa discussão dentro dos debates políticos. A gente precisa do comprometimento de todas as políticas públicas para o recorte de gênero e para o recorte de raça, especialmente. Então, a gente precisa se apropriar desse debate, a gente precisa reconhecer nossos lugares.

Agora falando sobre mulheres negras, além de a mulher enfrentar os desafios que a gente enfrenta de gênero, a gente também tem que enfrentar os atos de raça. Então, a gente pensa que, nas interseccionalidades dessas coisas, torna que tudo seja mais difícil, fazendo

com que a gente enfrente. Além de estar na base da pirâmide social, no mundo do trabalho, a gente está sub-representada, chegando a receber 44% do salário de um homem branco, para exercer a mesma função.

Então, a gente precisa politicamente pensar as estratégias de trabalho que a gente está trazendo, e pensando, na interseccionalidade, raça e gênero, agora a gente está pensando em juventude. Assim, acho que a gente já consegue ter um panorama. Se mulheres negras estão nessa posição, se estão recebendo o que estão recebendo, se estão sub-representadas e como estão sub-representadas, imaginem a juventude, a juventude que é menina e negra. Como estará posicionada dentro do mercado de trabalho? Eu acho que é nítido para todos nós.

Então, eu queria reforçar aqui que eu acho de extrema importância que a Coordenação de Políticas para as Mulheres tenha um posicionamento, frente a recortes de raça e gênero, coisa que a gente já percebeu que não há no momento. Isso é de extrema importância, uma secretaria que é uma coordenação para as mulheres. Deveria haver projetos e posicionamentos que venham debater raça e que venham debater gênero.

Também queria falar sobre a inserção da juventude nos projetos culturais, falando um pouco dessa questão da economia criativa, quanto à inserção dos projetos culturais. A gente precisa oferecer, ofertar trabalhos, de maneira que a juventude se sinta acolhida e que a juventude não seja precarizada. A juventude poderia receber R\$ 40 mil para realizar um projeto, e não consegue receber nem R\$ 600 de ajuda de custo, e a gente ainda vê os recursos da Cultura sendo diminuídos. Isso é um absurdo. De 800 projetos, 100 deles serem aprovados com esse orçamento. A gente precisa pensar nessa juventude periférica especialmente, na juventude que está no farol, que está executando trabalhos no bairro, como em periferias e jovem monitor cultural. A gente precisa pensar no papel da Cultura ou no papel desses editais, frente a todas essas demandas, para que o trabalho dos jovens não seja ainda mais precarizado, como já é.

Então, eu acho de extrema necessidade que a Secretaria do Trabalho e a

Secretaria de Economia Criativa e Cultura e que as coordenações de Política para as Mulheres e Juventude conversem entre si e que, assim, a gente possa demandar propostas de melhoria para a nossa juventude.

Muito obrigada pela atenção.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Tem a palavra a Sra. Stephanie Felicio da Silva, nossa representante do Conselho Municipal de Juventude, na cadeira de Juventude Negra.

**A SRA. STEPHANIE FELICIO DA SILVA** – Bom dia. Eu sou Stephanie Felicio. Eu faço parte da UNEafro Brasil, e hoje eu acompanho a cadeira de Juventude Negra, por meio da UNEafro Brasil também. Faço parte do Coletivo Mangueiras, que discute direitos sexuais e reprodutivos de jovens mulheres, e também faço parte do observatório de violência no território de Sapopemba, no Cedeca Sapopemba, o Ecos e Reflexos.

Para começar, é importante dizer que todas as questões precisam ser racializadas, antes de qualquer coisa. Pensando em juventude, isso é mais do que urgente, pois é preciso fazer essa separação. Não existe uma juventude só. A juventude não é uma coisa só. A juventude é plural, e a juventude que mais morre, a juventude que é mais precarizada é a juventude negra, sobretudo as mulheres negras.

Com isso, a gente pensa: “Nós somos maioria”. Nós, mulheres negras, somos maioria na universidade pública, no ano de 2020, no entanto, as políticas que nos mantêm lá, política de quotas, é constantemente atacada e sobretudo também não existe, não é pensado, nem proposto, políticas que façam com que essas mulheres permaneçam nesses espaços. Políticas como bolsa-permanência, por exemplo, que também é uma realidade distante quando falamos antes mesmo do ingresso na universidade, nos cursinhos populares também.

Eu sou de cursinho popular, eu tive bolsa-permanência para eu continuar estudando em um dos cursinhos da UNEafro Brasil lá no território do Sapopemba. Como foi importante ter esse apoio, pois eu conseguia me dedicar exclusivamente a esses estudos.

No mais, a pandemia veio só para intensificar o que já estava posto. Então se a

gente pensar que já sofríamos com as outras questões, com a pandemia a educação ficou ainda mais precarizada. Com essa reforma do Ensino Médio como é que os jovens vão estudar e trabalhar ao mesmo tempo? Porque os nossos jovens que trabalham, hoje, estudam à noite, e se não vai mais ter ensino noturno como é que vai ficar?

Estava eu, aqui na mesa, inclusive, refletindo sobre o momento, me desculpem. (Pausa). Estava eu refletindo sobre um momento muito antes da pandemia começar, em que eu era mediadora de leitura dentro de uma biblioteca comunitária, no território do Sapopemba e, conforme o tempo foi passando, as crianças pararam de frequentar esse espaço e, quando vamos para essas avenidas, perto do território, vemos que as crianças pararam de ir para a escola, pararam de frequentar esses espaços, porque elas precisaram ajudar a compor a renda da casa. Essas crianças daqui dois ou três anos serão esses jovens que, mais uma vez, vão ser excluídos desse orçamento e desses espaços, espaços que são a empregabilidade.

Como é possível criar uma perspectiva já a partir da infância? Como é que vamos criar uma perspectiva para esses jovens nesse cenário em que eles são, constantemente, negligenciados. O Estado precisa ser essa rede, como a Agnes falou, não é um favor, está no ECA. O Estado precisa ser essa rede de proteção, essa rede de apoio, que, muitas vezes – e eu até arrisco dizer todas as vezes – essa rede está em uma pessoa só, que é na figura materna, que é na figura da mãe.

Então que possamos pensar políticas públicas para a permanência dessas mulheres, para a proteção dessas crianças e desses jovens, e que isso é urgente, aliás, já faz muito tempo que é urgente. Encerro aqui. Obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada. Nosso próximo convidado é o graduando no curso de bacharelado interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, pela Unifesp, Joaquim Renato Alves de Souza. Ele está presente para fazer uso do microfone, por cinco minutos.

**O SR. JOAQUIM RENATO ALVES DE SOUZA** – Bom dia. Além de graduando pela Universidade Federal de São Paulo, eu também sou ciclo entregador informal pelo coletivo

*Señoritas Courier e TransEntregas.*

Sou ciclo entregador e esses dias eu estava conversando com minha companheira e ela me fez a seguinte pergunta: "E para você, o que é ser ciclo entregador?"; eu fiquei alguns instantes parado, olhando para o nada, só consegui responder: "É torcer todos os dias para voltar vivo para casa".

Há pouco mais de um mês eu fui espancado no meio da ciclovia da Avenida Eliseu de Almeida. Um homem branco parou seu carro em um posto de gasolina, atravessou a avenida, invadiu a ciclovia e disparou diversos socos em meu rosto, enquanto dizia que eu era um 'viadinho' e que não deveria atrapalhar a via. Ele quebrou meu nariz, quase me deixou cego e cuspiu em mim. Eu tinha uma bag, dessas quadradas, dizendo 'Fora Bolsonaro' bem grande.

Quando a gente sai para a rua, a gente não sabe se volta vivo. A economia neoliberal está pautada suprimindo direitos e destruindo quaisquer perspectivas ou sonhos da juventude pobre, LGBT e periférica.

O fenômeno da 'uberização' defende interesses da burguesia, uma burguesia escravocrata que adora abusar dos serviços de luxo, enquanto mal o remunera. As entregas são um serviço de luxo, assim como o serviço de limpeza e a coleta seletiva. Você está ali, pagando para que outro indivíduo faça algo que você não quer fazer, ou porque você não tem tempo, ou porque simplesmente você tem preguiça de fazer isso.

Existe uma fala de Paulo Gallo que eu, particularmente, gosto muito. Ele diz: "Os aplicativos fazem parte de um desdobramento da revolução industrial que nasce com o intuito de suprimir direitos". Isso é muito real. A 'uberização' vem empurrando a juventude para um abismo sem o mínimo de direitos, direitos conquistados com muita luta.

No discurso da burguesia, esses direitos, muitas vezes, são denominados como 'privilégios'. O desespero faz com que a juventude se submeta a condições ainda mais precárias de trabalho. Pintam uma imagem de empreendedorismo, uma ideia neoliberal de livre mercado onde você pode fazer as suas próprias escolhas. Mas isso tudo é uma grande mentira. Enquanto isso, a juventude passa os seus dias pedalando, carregando produtos que

nunca poderá comprar, porque somos explorados por um algoritmo com uma tecnologia que deveria auxiliar a vida dos trabalhadores; deveria gerar empregos; mas está sendo usado para suprimir direitos, enquanto explora os mais jovens, para defender o lucro e o interesse de uma pequena parcela da sociedade. Não adianta falar que você não vê toda a juventude carregando bags por toda a Cidade.

Eu ouvi uma entrevista de um CEO de uma dessas empresas de aplicativo, onde ele faz a declaração de que o maior desafio de se estabelecer no Brasil não era a concorrência, era a legislação trabalhista.

Tudo isso que estou falando não é vitimismo. Estou falando do extermínio da juventude pobre, estou falando de uma galera que, num dos maiores surtos epidemiológicos, foi para a rua por conta do desespero, com medo de passar fome, com medo de não ter um teto sobre sua cabeça. Estou falando da cidade de São Paulo, uma Cidade que, historicamente, foi consolidada por um pensamento extremamente 'carrocrata'. As nossas bases foram construídas pensando-se em automóveis. E temos pessoas, jovens, andando de bicicletas, sendo atropelados a todo momento. Eu fui atropelado, eu fui espancado e cuspiram em mim, enquanto eu estava trabalhando, carregando uma bag nas costas.

É isso que eu tinha a dizer. Quero agradecer o espaço que me foi concedido. Devolvo a palavra.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Joaquim, por você vir falar conosco e dar seu depoimento.

Vamos fazer agora um bloco para escutarmos também o Executivo, os representantes do Executivo que estão participando aqui, conosco e, em seguida, os representantes dos Vereadores também.

Eu quero convidar já para fazer uso da palavra, por cinco minutos, o representante da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e também de Coordenação Política da Juventude, o Ramirez Augusto Lopes. Bem-vindo.

**O SR. RAMIREZ AUGUSTO LOPES** – Obrigado pela palavra, Vereadora, a quem

estendo o agradecimento do espaço e do convite a toda a Mesa, ao Vereador Alex que ficou conversando comigo a respeito dessa articulação, também à Maria Eugênia que está nos assistindo lá da Fundação Paulistana, à Priscila, aqui da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, enfim, toda a equipe que está por aqui.

Saúdo também as várias pessoas que estão nos assistindo, Vereador Suplicy e todos os jovens e as jovens que estão participando. Faço essa saudação aqui representando a Secretária Municipal de Direitos Humanos Claudia Carletto, que mandou uma saudação também para todos.

Mas, condensando aqui minha fala, quero dizer da alegria de estar nesse espaço e nessa audiência pública que trata exclusivamente de juventude. Estou na Coordenação de Políticas para a Juventude há três anos e é a primeira vez que somos chamados para uma audiência pública que trata orçamento para a juventude, exclusivamente.

Então queria iniciar dando meus parabéns porque a juventude, de fato, tem de ser prioridade. Nós estamos com o maior bônus demográfico da história do Brasil de juventude. Se perdermos esse momento, se perdermos esse espaço, nós vamos ter consequências muito sérias.

Nesse momento, eu gostaria também de saudar, em nome de todo o Conselho, vejo que tem conselheiros aqui, o Gugu, o Guilherme, a conselheira Stephanie, o Conselho Municipal dos Direitos da Juventude, que é uma vertente que está ligada à Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania, mas tem esse papel de movimentar a sociedade civil organizada que é tão importante.

Lá na coordenação, só explicando o panorama rápido, Vereadora, nós temos o papel... A Secretaria de Direitos Humanos – para quem não conhece, para quem está nos assistindo – é uma secretaria, meio que uma secretaria de articulação. Nós costumamos dizer que ela zela pela democracia, ela zela pelos direitos e trabalhamos na Coordenação de Políticas para a Juventude, assim como nas outras coordenações, pela emancipação das nossas juventudes e pelo resguardo e promoção dos direitos dessa juventude. Somos 2.8

milhões de jovens na cidade de São Paulo. Desses, segundo o levantamento do GOYN, cerca de 760 mil, quase 800 mil, são chamados de Jovens Potência, que são os jovens que estão em vulnerabilidade social.

Então é urgente que façamos debates como esse, e faça, construindo essas pontes, entre o Executivo e o Legislativo e a sociedade civil, e a sociedade civil organizada para que, de fato, nós orientemos as políticas públicas que são tão recentes no Brasil.

Nós temos o Estatuto da Juventude aqui, no Brasil, datado de 2013, ou seja, faz pouquíssimo tempo que nós consideramos de 15 a 29 anos uma idade prioritária para ser trabalhada. Antigamente era: "Chegou nos 18, se vira aí".

Então esse é o momento, acho que é a janela de oportunidade de trabalharmos com seriedade esse tema tão importante.

Enfim, só dando um panorama rápido das ações e já colocando aqui, no radar de vocês, nós estamos, e essa semana foi um marco, desenvolvendo em parceria com o Escritório de Drogas e Crimes da ONU – aqui estão os conselheiros e conselheiras do Conselho de Juventude que puderam participar – uma proposta de Plano Municipal de Políticas para a Juventude. Temos conhecimento que existem planos que já passaram, tem projeto aqui na Câmara, só que tudo é datado de muito tempo, de antes da pandemia. Tudo mudou e precisamos de dados e evidências do que realmente está acontecendo; do que realmente a juventude está sofrendo hoje nas pontas, que é justamente o relato que o Joaquim nos trouxe. E, a partir disso, feito sob a ótica, e acho que é muito importante citar isso, do ODS-16, que fala de paz, justiça e instituições eficazes, pensando nos indicadores.

São Paulo é a Capital que tem menor taxa de mortes por violência etc., só que quando você traz para a juventude negra, o número é muito alto. Então temos de fazer algo também em relação a isso. Nesse sentido, o plano é articular de uma forma plural e participativa até que chegue aqui na Câmara, então é muito importante que esse plano seja muito articulado para não se despersonalizar. Ele será uma agenda a partir da 4ª Conferência Municipal de Juventude que, aqui, a Coordenação de Políticas para a Juventude, junto do

Conselho Municipal foi uma das únicas cidades a ouvir seu jovem. Portanto, temos esse produto e podemos atualizar.

Eu tinha mais algumas ações para falar, mas são só cinco minutos. Acredito que essa seja uma interação, fico à disposição e muito obrigado mais uma vez.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada. Já chamando então a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo, representada pela Priscila Rodrigues Martins Silva.

**A SRA. PRISCILA RODRIGUES MARTINS SILVA** – Bom dia a todos e a todas. Primeiro gostaria muito de agradecer a oportunidade de mostrar um pouco do trabalho que estamos desenvolvendo na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo. Hoje viemos representando a Secretária Aline Cardoso, cumprimentar a todos, e mais uma vez obrigada.

Dentro das ações que estamos desenvolvendo dentro da Secretaria, nós temos, na Coordenadoria do Trabalho, objetivos que são: qualificar e capacitar as pessoas mais vulneráveis da cidade de São Paulo, em especial os jovens.

Temos vários programas. Dentre eles estão o Bolsa Trabalho que atinge a população de 16 a 20 anos; tem o POT, que também vai de 18 anos ao público um pouco mais velho também, mas a gente tem a oportunidade de capacitar e dar um trabalho digno para essas pessoas; também tem as ações do CATE que a gente vem fazendo um trabalho muito bacana na questão da empregabilidade desses jovens. Inclusive, hoje, agora na parte da manhã, o dia todo perdão, estamos fazendo uma ação de empregabilidade chamada Contrato SP-Jovem. É uma ação com seis empresas que foram levar oportunidades de emprego para essa juventude.

Nós também temos o programa Tem Saída, que ajuda pessoas, mulheres vítimas de violência, independentemente de suas idades e, infelizmente, temos nesse programa um público jovem, que tem sido bastante atendido, têm nos procurado muito.

No período da pandemia, nós entendemos que a juventude foi quem mais sofreu,

por conta das aulas que não foram presenciais, dificultaram cada vez mais; os empregos e os estágios ficaram muito escassos, então, nós tivemos uma ação específica para o público jovem que foi o POT Defesa da Vida, em parceria com a Secretaria de Segurança Urbana e com a Secretaria da Saúde. Foram dois mil jovens capacitados e que também ingressaram em sua primeira oportunidade de trabalho.

Então esses jovens ajudaram na pandemia conscientizando as pessoas, conversando com a população, pedindo para que as pessoas usassem máscaras. Foram, de uma certa forma, muito importantes para nós. Eram jovens que não tinham perspectivas e quando nós conversamos com esses jovens e verificamos a diferença que pudemos fazer na vida de cada um deles, foi muito gratificante. Costumamos dizer que, com essa função que venho desenvolvendo na Secretaria do Trabalho, foi uma das missões mais importantes que eu tive na minha vida profissional. Um ano e sete meses frente a essa coordenação e você consegue ver nitidamente o impacto que o trabalho, a dignidade de voltar ao mercado de trabalho, traz na vida dessas pessoas.

É muito importante também, Vereadora, salientar que no próximo ano nós temos um recurso muito maior do que foi disponibilizado nesses últimos anos. Então ficamos muito agradecidos por essa oportunidade.

Mais uma vez gostaríamos de colocar à disposição a nossa Secretaria para podermos conversar com a população jovem, para que possamos identificar quais são as necessidades de cada um.

Importante também, nós temos um portal e ele tem, hoje, 86 cursos de qualificação com todas elas certificadas. E nesse período de pandemia nós conseguimos qualificar e certificar 26 mil jovens, um número bastante expressivo.

Está presente aqui também a Eugênia, da Fundação Paulistana, e o Renan, da Ade Sampa que, depois, podem falar um pouco mais sobre as ações que eles vêm disponibilizando para os jovens.

Peço, Vereadora, que essa ação de hoje, em parceria com vocês, seja contínua,

para que possamos trabalhar juntos essas políticas para a juventude. Temos muito interesse em contribuir com vocês. E que todos os jovens possam ter essa oportunidade de educação, de um trabalho digno e, também, inclusivo. Agradeço muito a oportunidade.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Nós é que agradecemos a presença aqui. Eu quero também anunciar a presença da Vereadora Erika Hilton.

A próxima oradora é a Maria Eugênia Ruiz Gumiel, da Fundação Paulistana de Educação, Tecnologia e Cultura.

**A SRA. MARIA EUGÊNIA RUIZ GUMIEL** – Bom dia a todos.

Agradeço o convite...

- Falha na transmissão. Registro prejudicado.

**A SRA. MARIA EUGÊNIA RUIZ GUMIEL** – Estão me escutando? Acho que está tendo algum problema. (Pausa). Oi.

**A SRA. MÁRCIA** – Só um minutinho. É a Márcia, da Secretaria. Vereadora, quando os microfones ficam ligados, nós não escutamos nada pelo Teams. (Pausa).

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Estão desligados. Nós estávamos com alguns microfones ligados aqui, mas nós já resolvemos. Desculpe. Pode continuar, por favor.

**A SRA. MARIA EUGÊNIA RUIZ GUMIEL** – Bom, acho que vou ter de começar de novo, né. Mais cinco minutinhos?

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Pode falar. Fique à vontade.

**A SRA. MARIA EUGÊNIA RUIZ GUMIEL** – Agora, eu não tenho eco.

Bom, eu sou Maria Eugênia, da Fundação Paulistana. A Fundação Paulistana é um braço da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, com um olhar de qualificação profissional. Nós somos responsáveis, no Município, de levar essa qualificação profissional gratuita para as regiões mais periféricas da Cidade. E o recorte nosso, de juventude, de atender com essa qualificação profissional que nós temos, é fundamental para nós, dentro da Fundação

Paulistana. Aqui, não somente estou vendo a Nicole, que faz parte também... e nós já conversamos algumas vezes... Uma das coisas que nós queríamos colocar muito é o Projeto Mude com Elas. Então, nós vamos mudar com elas também. Porque, dentro dos nossos recortes dos cursos de qualificação, que nós temos na Cidade, nós temos também: “Olha, a preferência é mulher”, “A preferência é negro”, este é o nosso olhar, porque a qualificação profissional não é meramente só qualificar esse jovem. Quando nós temos a qualificação profissional voltada para a empregabilidade, voltada para a geração de renda, isso gera economia muito rápido, por isso as nossas ações se voltam para essa questão de empregabilidade, para gerar renda, para gerar emprego para esse jovem; que ele seja colocado no mercado de trabalho o mais rápido possível. Então, dentro da Fundação, nós temos cursos rápidos, nós temos cursos livres, nós temos cursos técnicos, nós temos auxiliares. Então, nós temos uma série de ações para que esse jovem busque a sua qualificação.

As nossas ações com outras Secretarias, temos focado muito nessa geração de renda. Porém, temos muitas vagas que os jovens não vão atrás. Eu queria também fazer um apelo para vocês, para os jovens: sigam as nossas redes. Acompanhem. Quando falamos que temos uma bolsa, com essa bolsa você vai receber qualificação profissional; você vai estar antenado com o que está acontecendo com o mercado de trabalho. Então, é essa análise que nós fazemos. Olhamos um pouco o que o mercado está precisando, fazemos a nossa qualificação profissional e encaixamos o jovem para a nossa intermediação de mão de obra, que é o CATE.

Então, o nosso trabalho é elevar o nível desse jovem; que os jovens paulistas realmente estejam engajados e também estejam buscando uma qualificação profissional. Os cursos técnicos estão em alta neste momento e nós temos cursos na área da Saúde, em dois pontos: na Cidade Tiradentes e o outro na zona Norte. Então, nós temos buscado isso: inserir esses jovens nas qualificações profissionais, para que eles consigam, realmente, empregabilidade.

E também peço para que os Vereadores olhem para isso: qual o orçamento que precisamos destinar para esses jovens? Quais os projetos de políticas públicas que precisamos criar para que, realmente, não seja uma ação assistencialista, mas que seja uma ação de mudança de paradigma, de mudança de cenário desse jovem, que ele seja protagonista na sociedade, na política. É nisso em que estamos bem antenados e a nossa secretária Aline Cardoso também tem trabalhado bastante com as outras secretarias. As ações intersecretariais são fundamentais, potencializam os nossos recursos de servidores e orçamentários.

Quero deixar o meu agradecimento a vocês. A Fundação Paulistana está aberta para qualquer informação e para receber ideias novas. Estamos abertos a tudo isso.

Muito obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Muito obrigada, Maria Eugênia.

Tem a palavra o Sr. Renan Vieira, que está presente *on-line*. (Pausa). Renan Vieira? (Pausa).

Bom, agora vou passar a palavra para a Vereadora Erika Hilton. Se o Renan entrar, chamaremos novamente.

**A SRA. ERIKA HILTON** – Obrigada, Elaine. Bom dia a todos os presentes. Bom dia a quem nos acompanha de forma virtual e pelos canais da TV Câmara.

É uma alegria participar, nesta manhã, de uma audiência que vai discutir este tema tão importante, que é a empregabilidade, o futuro do jovem, o desemprego e essa forma da urbanização do trabalho, que também vem precarizando a vida da nossa juventude negra, pobre, periférica, que se viu ainda mais precarizada com este cenário da pandemia.

A realidade dos jovens, no Brasil, em especial dos jovens negros das periferias, das mulheres negras, das mulheres transexuais e travestis, acho que quando nós vamos discutir empregabilidade, nós precisamos trazer também à tona o debate dessa parcela da população, que nem se encontra contemplada nesta discussão, já que vivemos em uma sociedade em que essas mulheres não são vistas como capazes ou competentes de ocupar o mercado formal de

trabalho. E, em sua grande maioria, 90% delas, ainda hoje vive da prostituição, violenta e compulsória, por falta de oportunidade.

É importante ressaltar este lugar também, do diálogo e da construção que precisamos fazer para contemplar toda essa gama de jovens do nosso País, que se veem desolados pela falta de políticas públicas, pelo orçamento que não é direcionado a esta população, por um Governo e seus governantes, porque não é só Jair Bolsonaro. Acho que Bolsonaro representa aquilo que há de mais tenebroso e de mais terrível no que diz respeito ao sucateamento de políticas, sejam elas para a juventude, para as mulheres, para a negritude, nos direitos humanos e nos direitos trabalhistas. Mas temos visto também que nas câmaras municipais, nas assembleias legislativas, nos palácios dos governos, nas prefeituras, há um grande consenso nessa política de desmonte de programas, orçamentos e perspectivas para a juventude.

Então, acho importante que a juventude também tenha sido proponente e construtora deste debate, nós podemos fazê-lo enquanto legisladores, enquanto Poder Público, mas sem sombra de dúvida alguma, essa discussão só ganha corpo e só ganha potencial maior quando conseguimos fazer com que esses jovens participem desse debate, para que de forma conjunta, com a juventude e com o Poder Público, possamos desenvolver mecanismos e caminhos da superação desses obstáculos que vêm assolando a vida dessa população e que é a população que dará continuidade a todos os trabalhos que estão sendo construídos.

A nossa juventude precisa ser valorizada, precisa ter perspectiva de futuro, precisa ser empregada e empregada com condições dignas de trabalho. O que estamos vendo com esses aplicativos de entrega de comida, de dirigir etc., uma extrema exploração da nossa juventude que é pobre e que necessita trabalhar para levar o sustento para sua casa, muitos jovens são arrimos de suas famílias, nós percebemos isso. E é importante então que através desta realidade que se impõe com o cenário da pandemia, mas que também se impõe com a crise econômica que o nosso País está passando e com o desmonte das políticas, que tenhamos um olhar atento e um compromisso de discutir o orçamento e de discutir políticas

destinadas a este setor da nossa sociedade.

Não quero me alongar, não sei quanto tempo, mas imagino que haja centenas de convidados, estou vendo a lista ao meu lado. Passei para trazer esta breve contribuição, porque acho que esse é um debate importante e nós como Vereadoras jovens também, que ocupam este espaço, que é um espaço majoritariamente de homens brancos e mais velhos, conseguimos ter um olhar mais próximo e mais real de quais são essas necessidades e de quais são os caminhos e os mecanismos que precisamos desenvolver e trabalhar para superar as dificuldades no que diz respeito à empregabilidade da nossa juventude.

Então, quero agradecer mais uma vez a audiência, agradecer o convite, quero dizer que estamos à disposição para construir de forma coletiva os caminhos. Este não é um tema simples, fácil, que tenha uma receita de bolo, segue aqui que vamos encontrar as saídas, mas com engajamento, com coragem e força de vontade é possível sim ir construindo novos rumos e criando perspectivas de futuros melhores do que esses que estamos tendo agora.

Muito obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Vereadora Erika Hilton.

Tem a palavra a Vereadora Luana Alves, Vereadora eleita mais jovem, de forma *on-line*.

**A SRA. LUANA ALVES** – Bom dia, Vereadoras Elaine e Erika; Vereador Suplicy; todos os presentes; Mude com Elas, estou vendo a Nicole, a Lúcia, primeiro parabenizar a iniciativa desta audiência, acho excelente que esteja acontecendo exatamente na Comissão de Finanças e Orçamento.

Vou repetir uma coisa que a Lúcia, se não me engano, disse e foi muito pertinente, existem muitas ideias, muitos projetos, na verdade, essa audiência é representativa disso, vi redes de cursinhos, movimento de educação popular, movimentos de empregabilidade, da juventude, já há muitos projetos, muitas iniciativas. O que não existe, em minha opinião, é prioridade orçamentária, o que quer dizer também prioridade política. O que não existe é, de

fato, a continuidade desses projetos e o apoio do ponto de vista do Poder Público a esses projetos. Pensando no ponto de vista pragmático, projetos que têm muitos resultados, que conseguem atingir um número de jovens negros e negras muito grande.

É muito o que a Vereadora Erika disse, sabemos que crise econômica para a juventude preta sempre houve, sempre aconteceu, mas nesse momento, quando temos uma crise de dimensões enormes, uma crise que atinge o mundo inteiro, sempre, quem vai estar colocado numa situação mais difícil é a juventude pobre, porque é a que tem menos patrimônio acumulado, é a que tem menos chance de estar no mercado de trabalho, tem menos possibilidade de conseguir algum tipo de qualificação e é sempre a primeira ou o primeiro a ser rejeitado, o primeiro a cair no que são as formas de trabalho informais, que cada vez mais estão dominando e se tornando a norma.

Então, o que estamos dizendo é muito grave. Quero reforçar que é muito necessário que no debate orçamentário que vamos fazer cada vez mais, conforme o fim do ano se aproxima, que se pense em conjunto e se tire um pacto de termos de fato prioridade orçamentária para empregabilidade da juventude. Gostei muito do que foi dito aqui, a possibilidade de ter mais programas de jovem aprendiz no próprio Poder Público, a própria Secretaria de Cultura, que ouvi falar aqui, já existem projetos e acho que devem ser estendidos às diversas secretarias, para de fato o Poder Público conseguir assumir essa frente. Existe a possibilidade, do ponto de vista jurídico, de fazer frentes de trabalho específicas para a juventude, isso é algo que tem *cash* da Prefeitura, e temos que, de fato, ter essa prioridade política. Porque não vai partir do mercado, do capitalismo, a inclusão da juventude negra e periférica. Não vai sair do mercado formal ou mesmo informal a melhor inclusão.

Então, tem de partir de nós, o Poder Público, esse tipo de ação, de iniciativa que vai conseguir criar, por exemplo, frentes de trabalho e algum tipo de estímulo para essa inclusão. Isso é muito necessário e acho que é um passo importante esta audiência para pensarmos isso, sem contar que para além de pensarmos em empregabilidade, pensar também em formas de qualificação.

Cada vez mais vemos o que está sendo o ENEM, acho válido falar sobre isso. A situação que estamos vivendo do ponto de vista nacional é muito grave. Eu nunca tinha visto – também sou da educação popular, sou de cursinho – uma organização de ENEM tão precária, tão ruim. É grave, porque cada vez mais tira o sonho de possibilidade da juventude. Tira o sonho de pensar uma qualificação, de pensar faculdade, pensar curso técnico, enfim. Então, é muito grave o que está acontecendo, nacionalmente está uma tragédia, do ponto de vista de políticas para a juventude está uma tragédia completa. Não sabemos o que será esse ENEM, eu tenho expectativas muito baixas e sabemos quem mais será atingido por isso. Então, partindo de São Paulo, acho que temos possibilidade de ter política pública de qualidade e conectada aos movimentos sociais.

É isso, parablenizo esta audiência, me coloco à disposição e gostaria também de prestar minha solidariedade ao Joaquim, que foi agredido, estava com sua bag nas costas, ouvi o seu depoimento, agredido por alguém bolsonarista, enquanto estava simplesmente trabalhando. Há o que estamos comentando na CPI dos Aplicativos, estamos falando sobre a juventude sendo colocada em situações graves de exposição, inclusive, Vereadoras Elaine e Erika, existem cidades que proibem o uso da bag, da mochila, obrigam a ter o baú, que é muito mais seguro do ponto de vista de prevenção de acidentes. Então, a situação é grave.

Muito obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Muito obrigada, Vereadora Luana. Tem a palavra a Covereadora da Mandata Quilombo Periférico, Débora Dias.

**A SRA. DÉBORA DIAS** – Bom dia a todes, quero começar saudando a juventude presente nesta Casa, muito feliz de ver rostinhos jovens, tendo 23 anos e ocupando este espaço com a Mandata Quilombo Periférico, para mim é de muita felicidade observar rostos jovens, a Odara correndo por esse Plenário, porque precisamos objetivamente dizer que, inclusive, a estrutura, a construção e constituição desse espaço é adultocêntrico. É um espaço que não se organiza objetivamente para contemplar, para acolher, para organizar a juventude.

Então, para mim, há muita felicidade neste momento, dividindo a bancada com os colegas, ver outras juventudes possíveis para mudar essa estrutura.

A Vereadora Elaine começou a falar trazendo uma análise muito importante de conjuntura sobre qual é a situação da juventude. E quero complementar, outros companheiros trouxeram alguns dados aqui, gostaria muito de complementar esses dados, porque acho importante que se consiga observar qual é a situação da nossa juventude na questão da empregabilidade. A nossa equipe de dados tirou os micros dados da PNAD contínua da cidade de São Paulo e conseguimos chegar em alguns números. Os jovens que não têm interesse em trabalhar, em sua maioria, estão em idade escolar. A companheira, inclusive, trouxe essa questão, que é muito importante sobre a análise que ele faz da nossa juventude de que a gente é nem-nem, a gente não foi trabalhar e não foi estudar; quando, na verdade, a gente tem uma estrutura que se organiza para que a gente não tenha acesso a uma empregabilidade justa e digna.

É importante dizer da diferença de trabalho e emprego, porque quando a gente consegue ter a dimensão dessas duas estruturas, a gente entende que o que é disponível, o que está sendo dado para a nossa juventude são condições precárias de sobrevivência. Então, a gente tem uma juventude hoje que, inclusive, começa a acessar através da histórica política de cotas construída pelos movimentos negros, pelos movimentos periféricos, e consegue ingressar numa universidade. No entanto, a gente está se formando e não tem trabalho. Olha que loucura.

A grande conquista histórica da juventude é ingressar na universidade por mobilização popular, eu sou fruto de cursinho popular também, assim como a companheira Stephanie, sou cria da UNEafro Brasil, que foi um importante instrumento e um importante espaço, foi fruto de uma política importante que existe nesta Cidade, que é a bolsa-trabalho, e que garantiu que eu pudesse estudar enquanto educanda de um cursinho popular, que eu pudesse garantir os meus estudos e ingressar na universidade pública. Então, é uma série de políticas que vem sendo desmontadas e o reflexo disso é a precarização imensa.

É importante dizer que isso é em escala nacional. A gente está vivendo o pior momento da juventude: reforma do Ensino Médio, junto com reforma trabalhista e reforma previdenciária. Esses três compilados colocam a nossa juventude no pior cenário possível para existir, para conseguir pensar em condições dignas de trabalho.

Eu acho importante a gente pensar nesse momento no Município, que muitas diretrizes foram dadas, a Coordenadoria de Políticas para a Juventude dizendo da importância de se pensar num plano estratégico municipal para a juventude e, estrategicamente, essa audiência está acontecendo ao mesmo tempo em que a gente está discutindo o orçamento nesta Casa. Seria muito importante que a Vereadora Janaína, por exemplo, que será a relatora do PPA, e o Vereador Atilio Francisco, que será o relator da LOA, ouvissem esses pontos e considerassem a sua devida importância no momento de elaborar as modificações do projeto. Assim como seria importante que o Executivo presente escutasse essas demandas, inclusive esses processos, como o próprio depoimento do companheiro Joaquim, o depoimento da companheira Stephanie, as condições da companheira Agnes e de toda a juventude presente, que está se inscrevendo e que vai falar. Porque é muito bonito quando se diz: “Nossa, que legal a juventude falar nesse espaço e se empoderar”. No entanto, quando a gente vai ver as realizações das políticas públicas, nada daquilo que a gente considerou, pontuou, foi considerado.

Então, eu gostaria muito de chamar a atenção para esta Casa, principalmente para esse espaço que tenho a honra de construir com a companheira Elaine, com o companheiro Alex, com os demais companheiros do Quilombo Periférico, que é um desafio essa juventude ocupar um espaço institucional, mas a institucionalidade deve ser colocada de maneira muito objetiva para que as nossas considerações com a juventude sejam pontuadas, sejam levadas a sério, porque é muito bonito colocar a juventude para discursar e não ouvir com efetividade o que a juventude tem a contribuir.

Enquanto movimento negro, a gente gosta de dizer que as coisas, na verdade, ficam escurecidas, ao analisarmos os dados, mostrando que a juventude preta, pobre,

favelada, periférica, mesmo nas piores condições existentes, vem criando espaços muito importantes da sua subjetividade. Então, é muito importante que, ao considerar economia, retomada de trabalho, a gente consiga observar os espaços como o Islã, os saraus, *dubs*, baile funk, como também espaços de reprodução da subjetividade da nossa juventude, como um espaço que também produz economia, organização, e que a gente leve a sério esse processo e consiga incorporar na política de orçamento desta Cidade.

Agradeço esse primeiro momento de fala enquanto juventude, enquanto representação jovem desta Casa, para dizer que, por muitas vezes, a gente foi convidada a estar aqui e, poucas vezes, a sentar nesta Mesa. Muito se fala das nossas cotas, mas pouco nos convidam para construir o processo.

Então, eu espero que esta audiência pública e as demais que sucederem sobre os temas para a juventude garantam que a juventude tenha voz e que os nossos posicionamentos tenham efetividade na construção dessa política pública da Cidade.

Obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Débora. Quero inclusive convidá-la para compor a Mesa e registrar a presença do Vereador Isac Felix, a quem convido para fazer o uso da palavra.

**O SR. ISAC FELIX** – Bom dia a todos e a todas. Peço desculpas pelo atraso. Estou na Câmara desde às 9h da manhã e estávamos discutindo, no primeiro andar, sobre todas as leis que temos na cidade de São Paulo, que a Câmara Municipal sempre é pioneira nisso. A nossa legislação é de 1900 e o Isac não era nem nascido, e continua sendo lei na cidade de São Paulo, o que as pessoas nem sabem. Então, nós estamos fazendo esta atualização e discutindo também como nós podemos divulgar melhor o trabalho legislativo e as leis que estão aprovadas nesta Casa, para que chegue mais próximo das pessoas da periferia, as pessoas do Capão Redondo, porque se lá não tem internet, como vão conseguir saber como funciona o trabalho legislativo, de que adianta dar *tablet*, celular e assim por diante?

Estava discutindo agora com o Presidente Milton Leite essa questão das antenas.

Eles falam: “A Câmara Municipal é culpada porque não quer aprovar a lei das antenas”. Já aprovamos em primeira. Eu fui relator da CPI das antenas nesta Casa e sabemos o problema de internet, das comunicações, que existe na Cidade, que hoje é movida por isso, mas as empresas não querem se comprometer em fazer com que os sinais de internet cheguem até os cantos da periferia mais distantes, porque hoje precisamos de comunicação em todos os lugares. Então, era isso que estávamos discutindo.

Quero dizer que estou à disposição. Já propus na outra audiência para a nobre Vereadora Elaine de fazermos a nossa subcomissão para tratar desse assunto, que é tão importante para a cidade de São Paulo. Realmente, a juventude tem que estar a par, tem que ser incluída nesses projetos da nossa Cidade. Então, parabéns a todos pela iniciativa, estou à disposição do que vocês precisarem junto com a Vereadora Elaine, na Comissão de Finanças, para nós estarmos realizando essa subcomissão.

Está aí há seis anos a subcomissão de Cultura, que é um braço da Comissão de Finanças, onde tenho o prazer de ter a Vereadora Elaine como Presidente; e agora nós vamos criar essa subcomissão para tratar dos assuntos da juventude, tão relevantes para a Cidade, principalmente aquelas pessoas que estão nos cantos distantes da nossa Cidade, mas que precisam ser ouvidas. Esse é o nosso papel como legislador.

Obrigado.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Vereador Isac Felix, meu parceiro na Comissão de Finanças, também torcedor do Santos. Então, é muito bem-vindo.

A gente vai chamar a lista de inscritos e vamos começar intercalando as pessoas que estão *on-line* e as pessoas presentes também. Inclusive, se alguém mais quiser se inscrever, fique à vontade.

A primeira inscrita é a Laura Rodrigues Fialho dos Santos, da CTB, Coordenadora da Juventude da Central de Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil.

**A SRA. LAURA RODRIGUES FIALHO DOS SANTOS** – Bom dia pessoal.

Eu queria primeiro cumprimentar todos e agradecer o espaço, o convite da Mandata Coletiva Quilombo Periférico e parabenizar pelo trabalho que vem sendo construído.

Meu nome é Laura, eu tenho 23 anos, sou militante da União da Juventude Socialista, filiada ao Partido Comunista do Brasil, trabalhadora na área de tecnologia, sindicalizada, e atualmente estou como Secretária de Juventude da CTB-SP – a Central de Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, no Estado de São Paulo.

O Brasil encerrou o nono mês do ano de 2020 com um contingente de 14 milhões de desempregados, cerca de 3,4 milhões a mais do que o registrado em maio, uma alta de 33,1% no período da pandemia. O nosso País passa por uma situação muito difícil, agravada pela pandemia e pela má gestão do governo atual, uma situação difícil que se repete no nosso Município.

A pesquisa Trabalho e Renda da Rede Nossa São Paulo mostra que 28% dos desempregados do nosso Estado estão na faixa de 16 e 24 anos, o que equivale a mais de 400 mil pessoas. E esse número se agrava ainda mais quando há o recorte de gênero e raça, que é fundamental nesse debate.

Segundo dados de maio desse ano, a cidade de São Paulo tem 2,57 milhões de pessoas entre 15 e 19 anos de idade, e quase 30% delas estão em situação de vulnerabilidade social. São mais de 766 pessoas nessa condição, que lidam diariamente com a falta de oportunidades.

Na maioria dos estudos e reportagens desses jovens, que tratam e se referem a eles como – já foi falado, inclusive – os nem-nem, com pessoas que não querem nem estudar e nem trabalhar, que têm a opção de não fazer nenhum dos dois. E a gente sabe que essa não é uma realidade.

É preciso dizer que o desemprego da juventude é um projeto. É um projeto que tem como objetivo colocar os jovens nos espaços de maior exploração, mais precarizados, com menos remunerações e menos direitos, para se lucrar com isso.

Com a existência desse projeto, que pauta os interesses dos patrões, dos donos

dos meios de produção, é necessário que a classe trabalhadora também se organize em torno de um projeto de políticas públicas para a inserção não precoce, bem remunerada, com os seus direitos garantidos ao mercado de trabalho.

A gente precisa investir na nossa juventude, na sua formação e no acesso aos espaços de formação e prática de cultura; tecnologia; ciência; e de contato com a profissão escolhida; o direito de exercer a sua profissão e de não precisar recorrer a aplicativos. O exercício do trabalho também deveria ser uma escolha e também deveria ser digno, com direitos, e não o último recurso de sustento das suas famílias.

Queria parabenizar o espaço de debate, queria falar da importância de ter jovens aqui debatendo sobre isso e ter jovens que representam essa camada que é mais marginalizada, jovens mulheres negras. E não só jovens mulheres negras que estão participando do debate, mas que estão pautando esse debate, que são Vereadoras, que são proponentes, que são conselheiras de juventude que estão nesses espaços fundamentais.

Eu acho que é extremamente importante a gente debater a importância de o jovem poder contribuir, construir a nossa Cidade, fazer a nossa Cidade ser mais desenvolvida, mais tecnológica, através de um emprego saudável, de um trabalho digno...

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Pela conclusão, Laura, por favor.

**A SRA. LAURA RODRIGUES FIALHO DOS SANTOS** – Um espaço saudável para os nossos jovens ajudarem no desenvolvimento da Cidade.

Obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Laura. A próxima inscrita é a Rosana Fernandes, da CUT. Está presente?

**A SRA. ROSANA FERNANDES** – Bom, companheiros, bom dia a todos e todas, ainda não deu meio-dia, então vou cumprimentar como parte da manhã ainda. Queria parabenizar por esse importante espaço de debate.

Eu sou Rosana Fernandes, da executiva nacional da Central Única dos

Trabalhadores e Trabalhadoras, da CUT. Estou trabalhando diretamente com a Secretaria de Combate ao Racismo da Central.

Além de parabenizar por essa iniciativa, eu queria iniciar de fato a minha intervenção dizendo que mais do que dar voz para a juventude, a gente precisa dar oportunidades. E a gente precisa de fato ter ações no Estado, no município de São Paulo, para que a nossa juventude possa ser inserida no mercado de trabalho de uma forma muito qualificada, com os seus direitos garantidos e com direito à proteção social.

A gente, infelizmente, no último período, em especial nos últimos dois anos, percebe como que a nossa juventude, a população negra, as mulheres negras, em especial as mulheres jovens negras estão cada vez mais sendo empurradas para as periferias das grandes cidades e estão no mercado de trabalho de uma forma muito precarizada.

Esse setor da sociedade ocupa os piores postos de trabalho, os que têm as menores remunerações, aqueles que não têm proteção social, que não têm minimamente os direitos garantidos. Esses trabalhos são socialmente considerados os mais desvalorizados pela nossa sociedade.

Nós precisamos construir ações efetivas para tirar a nossa juventude dessa situação vulnerável e de violência social, às quais a nossa juventude está submetida. Isso atinge diretamente o conjunto de homens e mulheres na sociedade, mas em especial de trabalhadores e trabalhadoras.

Quando a gente precariza as relações do trabalho, quando a gente não dá oportunidade para que a nossa juventude consiga sobreviver com dignidade, a gente faz com que o conjunto de pessoas na nossa sociedade esteja em uma situação muito precarizada.

Então, um olhar especial que a gente precisa ter é de que nós estamos lidando com juventudes que são diferentes. A juventude negra tem as suas especificidades. A juventude não negra tem as suas especificidades. Quem mora na periferia tem uma dificuldade muito maior, inclusive de ter oportunidade de se qualificar e de poder sair das suas localidades para procurar um emprego.

Então, a gente tem uma série de questões que são estruturantes, que determinam de fato na nossa sociedade quem é que vai ter oportunidade e quem é que vai ter vez; quem é que vai ter o poder político; e quem é que vai ter o poder econômico.

Então, a gente precisa ter esse olhar específico e saber que para a gente ter o máximo de pessoas, de jovens, homens e mulheres, mas em especial as mulheres jovens negras inseridas com qualidade no mercado de trabalho, a gente precisa ter um olhar diferente.

As políticas precisam ser diferenciadas para que, de fato, a gente consiga atingir o máximo possível de homens e mulheres, trabalhadoras e trabalhadores, de jovens, para que a gente dê uma vida digna para todos e todas.

Então, eu queria mais uma vez parabenizar por esse espaço, não mais do que dar a voz para a juventude, a gente precisa dar oportunidade para que a gente construa essa sociedade justa e igualitária com a presença de todos e todas. Que a gente dê condições para que a nossa juventude saia dessa situação do nem-nem, porque muitas vezes as pessoas não...

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Pela conclusão.

**A SRA. ROSANA FERNANDES** – OK. Muitas vezes a nossa juventude não está no mercado de trabalho e não está no sistema educacional, não porque ela quer, mas simplesmente porque as oportunidades não chegam até elas.

Então, é esse olhar que a gente precisa ter e entender que a nossa juventude é diversa e está em locais diferenciados da nossa sociedade.

Muito obrigada por essa oportunidade de fala.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Rosana. O próximo inscrito presencialmente é Guilherme Henrique de Andrade. Guilherme, por até três minutos, bem-vindo.

**O SR. GUILHERME HENRIQUE DE ANDRADE** – Obrigado.

Bom dia a todos, a todas e todes aqui presentes; as Exmas. Vereadoras e aos demais representantes dos movimentos populares do Poder Público.

O meu nome é Guilherme Andrade, eu tenho 17 anos, sou estudante do Ensino Técnico com habilitação técnica em gestão de políticas públicas, na Etec Cepam, que fica na zona Oeste de São Paulo. Atualmente eu componho o Conselho Municipal dos Direitos da Juventude, pela cadeira de inclusão digital e acesso a novas tecnologias.

Eu queria reforçar o que a camarada conselheira disse sobre nós. Nós temos as juventudes, no plural, com diversas realidades. A juventude do Centro não conhece a realidade da juventude da Pedreira, do Itaim, nem do Rio Pequeno, nem do Jaçanã. E quando nós falamos de juventude negra e periférica, além de todas as inúmeras dificuldades que têm a juventude negra, em especial as mulheres que sofrem durante o ensino básico e no pré-vestibular, seria impossível citar tudo somente neste meu período de fala, e mesmo após esse período nós permanecemos em situação de vulnerabilidade.

Segundo os dados do IBGE é possível observar que mesmo quando pretos e pardos compõem a maioria dos estudantes do Ensino Superior, eles continuam sendo minoria nos cursos mais concorridos, cujas carreiras oferecem maior remuneração. Segundo a USP, em 2018, apenas 13,3% dos calouros da Faculdade de Medicina eram pretos, pardos ou indígenas que vieram de escola pública.

E por fim, quando o assunto é reconhecimento ou representatividade, nos deparamos com os fatos de que segundo uma matéria publicada pela *Gazeta*, em 2019, apenas 1,8% dos docentes da Universidade de São Paulo são pardos; 0,3% autodeclarados pretos; e somente 1 docente dentre os mais de 5.600 professores se declaram indígena.

Com esse e com os outros dados apresentados anteriormente, vemos que apesar da maioria das universidades como estudantes e não docentes, esses grupos ainda são minoria na elite acadêmica do País, principalmente quando voltamos os olhos à maior universidade da América Latina.

Quando a gente pensa especificamente no caso das mulheres negras e periféricas, políticas públicas de permanência, como o CRUSP – Conjunto Residencial da USP – vem sendo negligenciadas e é notório que a maioria esmagadora das pessoas que permanecem no

CRUSP são pessoas de baixa renda. Quem sofre com esse negligenciamento? Segundo os dados recolhidos pela Frente Universitária de Combate à Covid-19, 54% desses estudantes são pretos ou pardos, contra 35,7% de brancos; e 54% dos estudantes estão desempregados ou estão em subemprego; 75% não têm apoio familiar para permanência. Esses estudantes estão distribuídos em apartamentos e 43% apresentam problemas como pragas e fungos; cerca de 11%, problemas com saneamento básico; 9,22% com fornecimento de água; e 22,5% com outros problemas estruturais. Outro importante dado é que 97% das moradias do CRUSP não têm suas demandas de acesso à internet atendidas.

Sei que nem todos os dados citados aqui competem ao Município, mas sem dúvida refletem a realidade da juventude de nossa Cidade. Mas o que isso nos traz? Nos traz à reflexão de que não basta garantir acesso de forma igualitária. Em primeiro lugar, é necessário ter equidade. Nem todos os jovens desta Cidade têm as mesmas necessidades, é necessário priorizar a juventude preta e periférica. Em segundo, de nada basta existirem políticas públicas de fachada, que apenas trazem dados de que nós estamos ocupando a universidade, mas não consideram toda violência que o nosso povo sofre nesses espaços; o nível de evasão dos nossos; e o sistema capitalista que nos adoece com seu discurso meritocrata, que nos diz que quando nos deparamos com a placa de não há vagas, a culpa é nossa e não de um sistema incapaz de atender as necessidades do nosso povo. Somente tendo isso como norte na discussão nesta Casa, é que realmente teremos avanços no acesso ao trabalho, à educação e à vida digna.

Obrigado.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Guilherme. A próxima inscrita é Kenia Antonio Cardoso, *on-line*. Está presente? (Pausa). Vou chamar o próximo e, caso alguém entre e eu já tenha chamado, é só apontar no *chat* e a gente retorna a palavra. Tem a palavra Viviane Soranso. (Pausa). Tem a palavra Angela Maria.

**A SRA. ANGELA MARIA** – Queria agradecer, para começar, à Presidente Elaine do Quilombo Periférico...

– (Falha na transmissão. Registro prejudicado.)

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Angela, se você puder falar um pouquinho mais alto, está muito baixinho o seu áudio.

**A SRA. ANGELA MARIA** – Então, é a minha internet. Melhorou?

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Melhorou um pouquinho, mas ainda está baixinho.

**A SRA. ANGELA MARIA** – Bom, eu coordeno o projeto... (Falha na transmissão.)

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – A gente está com probleminha de áudio mesmo, está cortando.

**A SRA. ANGELA MARIA** – Então, tudo bem, não tem problema, Elaine, já conversamos, o Gabriel deve ocupar a palavra e ele pode, e eu vou deixar a minha contribuição no *chat*.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Se resolver o problema você volta a falar...

**A SRA. ANGELA MARIA** – Está certo.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – A próxima é Adriana de Souza Lopes. (Pausa). Elen de Paula. (Pausa).

Tem a palavra o Gabriel, por três minutos.

**O SR. GABRIEL** – Olá, todos e todas. Eu queria primeiro agradecer as mandatas e as conselheiras que tornaram possível esta audiência hoje. Também a presença de representantes do Executivo, além de saudar a fala importante das jovens e dos jovens que trouxeram as suas vivências, as suas questões que são fundamentais para a gente entender esse tema que viemos tratar nesta audiência.

Queria lembrar, primeiro, que o Brasil tem um Estatuto da Juventude que em seu artigo 14 diz o seguinte: “Os jovens têm direito a profissionalização, ao trabalho e à renda, exercida em condições de liberdade, equidade e segurança, adequadamente remunerado e com proteção social”. Muitas vezes falamos em garantir emprego retirando o direito da

juventude, retirando proteção. E o companheiro, o jovem que veio falar aqui, o entregador de bike, nos mostra o que acontece quando você retira a proteção da juventude, quando você não consegue garantir trabalho decente. O Brasil é signatário também de uma agenda nacional do trabalho decente para a juventude. Então a gente tem compromissos firmados que precisam ser efetivados, acho que isso é o pano de fundo da nossa conversa.

O trabalho decente se expressa quando mesmo se formando, mesmo conseguindo formação profissional, acessando a escola, acessando o Ensino Superior, o racismo estrutural vai impedir que uma juventude negra consiga trabalho. O trabalho, muitas vezes, é informal, o trabalho da juventude é o bico. E, efetivamente, a gente permanece sendo extremamente desigual na distribuição do trabalho. Em Parelheiros, por exemplo, onde a gente tem a maior população jovem, não chegam políticas públicas. A Nicole, nossa companheira, é de Parelheiros e sabe muito bem disso. Eu acho importante pensar o que podemos fazer a partir disso.

Temos uma pandemia e os seus resultados precisam de medidas de curto prazo e no curto prazo talvez valesse a gente fortalecer políticas públicas que existem, garantir a sua presença no orçamento da Cidade. Então podemos pensar aqui, primeiro, eu tenho uma informação, não sei se está correta, que a Coordenação da Juventude tem o seu funcionamento garantido apenas por uma emenda, o que é muito frágil. Precisamos então pensar no orçamento da Coordenação da Juventude, para que ela possa articular e pensar políticas públicas. Nós precisamos reforçar os programas Vai 1 e Vai 2, que são editais de muito sucesso na Cidade, mas nós temos 800 projetos, sendo 200 aprovados, o que significa que 600 coletivos juvenis não têm recebido verba para suas iniciativas. Há o Jovem Monitor Cultural, que é outra política importante da Cidade. O Bolsa Trabalho, que foi mencionado aqui, mas hoje a sua presença no orçamento é mínima e ele precisa, então, ser ampliado, ser qualificado.

O Programa Transcidadania também é outra política importante. Os Jovens Agentes de Saúde, que eu acredito que foi uma política interrompida, não estou certo, mas

acredito que é uma política importante também. O Bolsa Cursinho, que foi uma variação do Bolsa Trabalho, que foi dado, eu acho que foi descontinuado também.

Acho importante, para isso, que a gente firme aí... O Vereador Isac Félix e a Luana Alves também trouxeram a ideia de uma subcomissão que pense o trabalho para a juventude, e eu diria trabalho decente para a juventude. Então eu queria firmar aqui o compromisso de a gente sair com essa audiência com essa subcomissão.

Inserir também valores para essas ações dirigidas a jovens no Plano Plurianual e na LOA do ano que vem. E valores também para que a gente possa, no médio e no longo prazo, ou seja, ainda no horizonte desta gestão, construir uma política municipal de trabalho decente para a juventude, que fique articulada a um Plano Municipal de Juventude. Uma política que tenha um eixo de formação, um eixo de emprego, um eixo de geração de renda e de equidade de gênero e raça.

A gente fez a leitura do Plano de Metas, mas hoje tem algumas ações que não são articuladas, que têm alcance limitado, e o empreendedorismo não pode ser a única resposta no Município. A gente sabe que quem tinha negócios próprios estiveram entre os que mais perderam renda nesse período de pandemia. Então a gente tem que pensar amplamente, multissetorialmente.

Que a gente possa, então – deixo o recado – construir uma política municipal de trabalho decente para a juventude, que isso seja encaminhado desta audiência e também pela subcomissão que a gente precisa criar, de trabalho decente para a juventude.

Obrigado.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Gabriel.

Próximo inscrito presencial é o Rafael Victor, por favor.

**O SR. RAFAEL VICTOR** – Alô. Primeiramente, muito obrigado pela oportunidade, queria agradecer a todos aqui presentes. Meu nome é Rafa, eu sou gremista e estudante de escola técnica.

Com a pandemia, a gente teve uma precarização absurda do Ensino Técnico e

Médio. Uma posição de privilégio já, de você ter a possibilidade de ter um Ensino Técnico, para ter um emprego assim que você saia do Ensino Médio já é difícil. E aí, com a chegada da pandemia, a gente teve uma precarização absurda, na qual a gente vai sair do Ensino Médio sem capacitação técnica e capacidade de passar em um vestibular. Isso piora cada vez mais quando você acrescentar recortes, recortes de classe, recortes de raça, recortes de gênero e se você é LGBT.

Pensando nisso, é muito importante que a gente tenha esse olhar, principalmente, que foi falado aí, do Bolsa Cursinho etc., e que sejam programas que não sejam excludentes e que realmente possam atender a toda essa demanda. Porque o que você vê em qualquer Tec, enfim, tem vários coletivos, são os jovens extremamente desmotivados, não se tem motivação, não se tem sonho, não se tem esperança.

Você vai sair do Ensino Médio sem capacidade de passar em uma faculdade, você não vai ter emprego, e aí o que vai acontecer com você? E aí a gente tem que ir para trabalhos precarizados. Durante a pandemia, para ajudar a família e também bancar os meus remédios, porque eu sou uma pessoa trans não-binária, eu tive que correr muito atrás de emprego como costureiro. E muitas vezes, mesmo tendo uma capacitação muito boa, fiz diversos cursos técnicos pelo Senai, nunca fui chamado. E amigas minhas – que estavam começando – foram para a mesma vaga. Então acho que a gente está numa situação extremamente difícil, eu ainda tenho que fazer bicos para poder ajudar.

Então eu acho que é isso, os nossos jovens estão extremamente desmotivados, nós não temos sonhos. E é muito importante ter esse olhar para a população LGBT, principalmente as pessoas trans, porque, para a gente imaginar a possibilidade de ter um emprego, uma carreira é algo inimaginável. Se você pensar que 90% das pessoas trans se prostituem, imagina eu chegar lá com 18 anos, acabei de sair do Ensino Médio sem a capacitação necessária, não consegui passar numa faculdade. A gente vai ter mais pessoas trans na prostituição, mais pessoas LGBT na prostituição, mais pessoas sem emprego e precarizadas.

É isso. Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada.

A próxima inscrita é a Beatriz Souza dos Santos, *on-line*. Três minutos, Beatriz. Bem-vinda.

**A SRA. BETRIZ SOUZA DOS SANTOS** – Boa tarde. Sou a Beatriz, tenho 19 anos, faço parte do Projeto Lute com Elas, eu sou uma das dez multiplicadoras e resido na região do Grajaú, extremo Sul de São Paulo.

Desde que eu saí do Ensino Médio tem sido uma luta muito grande para mim, muito difícil de conseguir um emprego digno, sabe? Eu entrei naquela porcentagem de pessoas que acabam, por necessidade, trabalhando em empregos informais que não contemplam os direitos das pessoas. E hoje eu já estou adoecida, já tenho vários problemas no corpo que esses empregos me causaram. E, a cada dia que passa, eu me vejo e vejo as pessoas que estão do meu lado cada vez mais desmotivadas, pela falta de acesso, pela falta de oportunidades.

Toda vez que a gente vai levar um “não”, toda vez que a gente tenta ir para cima, ir para uma entrevista, a gente ouve sempre um “não” e isso é muito desmotivador, sabe? A gente acaba entrando naquela coisa de subemprego, acaba aceitando entrar em padrões que esses empregos exigem da gente, pela necessidade. E a gente acaba adoecendo, e é isso que está acontecendo. Nós, jovens, estamos cada vez mais adoecidos, pela falta de oportunidades. Estamos cada vez mais desesperançosos.

E é isso que eu queria falar com vocês. Muito obrigada. Agradeço a oportunidade.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Beatriz.

Próxima inscrita é a Ana Tiffany Zito Silva.

**A SRA. ANA TIFANY ZITO SILVA** – Olá. Boa tarde a todos. Meu nome é Ana Tiffany, eu tenho 18 anos, estou cursando o último ano do Ensino Médio. Eu sou da região da Brasilândia, do Elisa Maria. Sou uma das dez meninas do Lute com Elas e a gente está na luta para aprender cada vez mais.

Nesse projeto a gente viu que a gente não está sozinha, todas as meninas passam

quase a mesma coisa e é difícil, porque a gente vê a diferença numa entrevista. Quando a gente vai numa entrevista, a gente é olhada de forma diferente, até quando a gente fala de onde a gente é, pelos recursos. Quando você é de muito longe, as empresas não querem pagar o transporte. E você vê a diferença, de ser tratado diferente só por ser da periferia e ser uma menina negra.

E a maioria dos jovens de periferia tem que complementar a renda da família, então trabalhar não é uma opção e...

Eu estou muito nervosa.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Pode ficar tranquila. Pode ficar tranquila.

**A SRA. ANA TIFANY ZITO SILVA** – A gente tem que complementar na nossa renda e, com isso, a gente vai em empregos que não são formais, que são feiras, corte de cabelos, vários, vários. Eu, no caso, sou autônoma, trancista, e tem essa luta para ajudar dentro de casa. É isso. Não tem como pensar em políticas públicas para a juventude sem ouvir a própria juventude. As diversas juventudes. É isso só o que eu tenho para falar.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada Ana Tiffany.

A próxima inscrita é Maria Carla Kohochana. Presente? (Pausa). A próxima é a Ana Luiza Sales Souto. Presente? (Pausa). Gustavo Teles da Silva. Presente? (Pausa). Maiara Oliveira Torres. Presente? (Pausa). Francisco Sandro Salas Roldan. Presente? (Pausa). Pamela Regina Machado de Souza. Presente? (Pausa). Carolina Antunes Monteiro. Presente? (Pausa). Patrícia Borges da Silva. Presente? (Pausa). Aline Nogueira. Presente? (Pausa). Iura Fernandes de Souza. Presente? (Pausa). Fernanda Távora. Presente? (Pausa). Jéssica Resende. Presente? (Pausa). Monize Berno. Presente? (Pausa). Vânia Correia. Presente? (Pausa). Maria Tereza Torres Solorzano. Presente? (Pausa). Elen de Paula. Presente? (Pausa). Kaline da Silva Lima. Presente? (Pausa). Juliane dos Santos Rodrigues Cruz. Presente? (Pausa). Adílson Araújo. Presente? (Pausa). Jadi Lopes. Presente? (Pausa).

Há alguma pessoa chamada e não falou?

Vou passar a palavra novamente para a Agnes. Ela gostaria de complementar.

**A SRA. AGNES ROLDAN** – Obrigada, companheira. Eu queria reforçar também a importância, como alguns companheiros já falaram, os companheiros da ponta da mesa já destacaram isso também, a importância de a gente analisar os dados, analisar as pesquisas, usar as pesquisas a favor das políticas públicas.

Eu citei que faço parte da Coletiva Jovem, uma Pesquisa Fapesp, que pesquisa dentro da periferia, com a periferia. Essas iniciativas são importantes para a gente coletar dados de maneira diferente e para a gente analisar as políticas públicas, a partir desses dados e a partir da periferia.

A gente ouviu o relato aqui do nosso companheiro Joaquim, um relato muito triste. Um relato corriqueiro, infelizmente, que é constante e ouvimos muitas vezes dentro da periferia. Como não usar esses relatos, como não usar essas vidas, essas histórias e vivências para construir políticas públicas?

Eu gostaria, novamente, de destacar e reforçar. O Vereador Isac Félix veio aqui, para nós criarmos essa subcomissão, dentro da Comissão de Finanças, para discutir juventude e trabalho decente para esses jovens. Que eles não tenham mais que ser atropelados nas ruas, nem ser espancados, ou viver de informalidade que sufoca a todos.

Mas que esses jovens tenham trabalho decente, entrada no mercado de trabalho e que possamos usar as pesquisas do nosso País – que vive sofrendo ataques constantes, que parece não param nunca mais e corte de verbas constantes – a nosso favor, em favor da construção de novas políticas públicas. Mas que sejam políticas públicas pensando na vivência e nas histórias desses jovens.

Que não sejam só políticas públicas para fazer história para esta Casa, mas que pensem verdadeiramente na população que trabalha, que deu e ainda dá seu sangue e que, como se sabe, daqui a uma década continuará dando seu sangue para viver nesta terra chamada Brasil.

Obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Agnes. Estamos caminhando para o encerramento da nossa audiência. Eu gostaria de perguntar se os representantes do Executivo ou se outros componentes da Mesa gostariam de fazer suas considerações finais, antes do encerramento.

Tem a palavra o Ramirez Augusto.

**O SR. RAMIREZ AUGUSTO LOPES** – Vereadora, a todos os presentes, só encerrar a fala no sentido de, primeiro um agradecimento a este espaço e um pedido de valorização do espaço e do diálogo entre Executivo e Legislativo, no ponto que é a juventude.

Ainda mais quando a gente tem a oportunidade de colocar em evidência a voz dessas juventudes que, de fato, precisam tanto desse amparo, desse pontapé inicial que o Poder Público pode fazer, para que eles possam fazer a transformação das suas vidas porque, afinal, já são extremamente potentes.

Eu só queria pontuar, rapidamente, uma coisa que eu não consegui falar na última fala, para deixar no radar de todos e todas que, no Plano de Metas da Prefeitura de São Paulo, proposto pelo Prefeito Bruno Covas e pelo atual Prefeito Ricardo Nunes, a meta número 55, de criação da Rede da Hora.

Falou-se em algum momento em pensamento e reflexões de políticas públicas para a economia criativa, para a Cultura, para essas juventudes. Estamos trabalhando para que já tão logo comece a execução do Rede da Hora, é um projeto interessante que eu já queria deixar no radar de vocês.

Também dizer que tem uma frente parlamentar aqui na Câmara Municipal, proposta pelo então Vereador Bezerra, para tratar das juventudes. Acho que é importante deixar isso no radar.

Quero dizer também que nós, no dia 23 de novembro, lançaremos a pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus Trata-se de uma pesquisa nacional, que o Conselho de Juventude fez, a edição de São Paulo.

Fizemos uma interlocução com o pessoal do Goen, com o pessoal da governança

da pesquisa, que foi muito grande. São mais de três mil respondentes, na cidade de São Paulo. Nós teremos, no dia 23, a publicidade desses dados. Acho que é importante sempre usarmos esse referencial de dados para construção das políticas públicas.

Mais uma vez agradecer em nome da Secretaria de Direitos Humanos, da Secretária Claudia, do Prefeito Ricardo Nunes, dizer que nós, da Coordenação de Juventudes, estamos de portas abertas na Líbero Badaró, para todos os jovens que nos assistiram e aos que vão nos assistir, para vocês, Vereadores e Vereadoras.

Queremos muito, cada dia mais, conseguir consolidar as políticas para as nossas juventudes. Indicador bom eu acredito que é aquele que não existe. Vai ser bom quando o indicador de morte da juventude for zero. Acho que essa deve ser a nossa missão, particularmente, a minha missão de vida.

Coloco-me à disposição e agradeço imensamente pela voz e por este espaço.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Ramirez.

Acho que a Lúcia?

**A SRA. LÚCIA UDEMEZUE** – Quero agradecer muitíssimo a oportunidade dessa articulação feita pela Rede Multiatores, do Projeto Lute com Elas, juntamente com os demais mandatos e mandatas. Em nome da Vereadora Elaine quero agradecer muito a Débora e ao Alex Barcelos. Essa construção foi muito rica. Agradeço ao Ramirez pela presença, tivemos uma conversa muito produtiva que culminou nesta audiência também. Agradeço ao Joaquim que esteve presente e aos demais jovens que participaram tanto on-line quanto aqui presentes, trazendo uma realidade que a gente precisa, realmente, acolher, e fazer uma fala, também, rapidamente, sobre essa questão, de que a juventude não tem um interesse. Infelizmente, escutamos isso na audiência, hoje, que se oferece a formação, mas muitos jovens já estão formados, estão preparados e estão precisando somente de uma oportunidade. Então, deixo esse recado para o Executivo, de que os jovens estão preparados e precisam, realmente, de vagas, oportunidades de trabalho e geração de renda.

Agradeço imensamente a oportunidade. Espero que tenhamos uma nova conversa mais produtiva, que essa subcomissão proposta pelo Vereador Isac Félix seja realmente erguida na Casa e que continuemos esses debates, para a construção de oportunidades para a juventude da cidade de São Paulo.

Obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada. Sra. Priscila?

**A SRA. PRISCILA RODRIGUES MARTINS DA SILVA** – Mais uma vez, Vereadora, agradeço a todos pela oportunidade. Quero até pedir desculpas. Eu tenho muita vergonha de falar em público, mas, assim, quando falamos, falamos com o coração. Em tudo que temos feito na Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo, temos nos dedicado ao máximo, dentro das nossas possibilidades.

Quando vocês falam de orçamento, nós tínhamos um orçamento muito inferior ao que nós temos hoje e, para o ano que vem, nós temos, também, novas oportunidades, um recurso um pouco maior, como eu falei anteriormente, mas peço que vocês nos ajudem a brigar por isso, por um orçamento melhor, para que vocês nos ajudem, também, a discutir todas as ações que temos para a juventude e para a população, como um todo.

Nós tivemos algumas experiências que chegaram ao nível nacional, em questão do programa Operação Trabalho, que é uma coisa que nos dá muito orgulho de fazer. Nós chegamos a selecionar 4.500 mães – inclusive, jovens mulheres, também – para poder participar desse programa e as pessoas agradeceram muito a oportunidade de ter o retorno para o mercado de trabalho e a alimentação na sua mesa. Então, sabemos o quanto isso faz a diferença na vida das pessoas.

Quero deixar para vocês um convite, de conhecer o nosso CATE Central, que fica na Avenida Rio Branco, onde fazemos todo o processo seletivo. Nós temos 25 unidades de CATE na cidade de São Paulo e quatro vans. Nós tínhamos muita dificuldade para as pessoas chegarem às entrevistas nas suas unidades de CATE. Então, conseguimos fazer com que isso

fosse de forma descentralizada, chegando até a periferia da Cidade, onde as pessoas não têm recurso, inclusive, para pagar a condução.

Assim temos feito. É lógico que ainda são pouquíssimas ações, dentro daquilo que precisamos fazer para mudar, realmente, a cidade de São Paulo. Temos feito isso com muita entrega, com muita dedicação.

Inclusive, eu gostaria de pedir para que todos os que estão aqui hoje nos ajudassem a divulgar as ações, tanto do CATE quanto as ações de divulgação de processos seletivos para as próximas bolsas, em breve. Estamos fazendo isso em parceria com a Secretaria de Educação e, também, com a Secretaria de Direitos Humanos. Nós temos um projeto que está sendo bem elaborado, para poder admitir novos jovens, também, no programa Bolsa Trabalho. Então, precisamos muito que vocês nos ajudem a divulgar isso e, inclusive, também, a nossa parte de qualificação, dentro do nosso portal CATE.

Fica aqui um desejo de que continuemos essas atividades em parceria com vocês. A nossa Secretaria está de braços abertos e também espero que daqui para frente tenhamos mais oportunidades de nos encontrar.

Muito obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Muito obrigada, Sra. Priscila. Alguém mais quer fazer considerações?

Gente, eu fico muito contente de termos conseguido fazer esta audiência pública, hoje. Esse era um desejo muito grande nosso, de conseguirmos nos reunir com o Executivo e de conseguirmos colocar essa juventude, mesmo, para falar por si, tanto com a Câmara dos Vereadores como com o Executivo. Acho que isso é um ganho absurdo para nós. Acho que o primeiro ponto é entendermos isso que foi falado aqui algumas vezes, sobre juventudes, sobre o quão diverso é a nossa juventude e sobre o quanto é importante pensarmos nas especificidades para fazer política pública, para que consigamos entregar uma política pública que, como foi falado aqui, também não seja excludente e que consiga, de maneira positiva, alcançar as pessoas que dependem dessa política pública, para ela ser, de fato, efetiva.

Para nós, é muito importante pensar nessa juventude que está na periferia da Cidade, que muitas vezes não consegue ter a circulação pela Cidade garantida e que não consegue ter acesso à própria política pública, que já é tão defasada. Sabemos das dificuldades que temos e mesmo a essa política pública que já é defasada muitas vezes não conseguimos dar acesso para essa juventude que está nas regiões mais periféricas, sobretudo essa população jovem que é preta, que muitas vezes está na outra ponta dos dados, que é a ponta da morte, a ponta das violências diversas que vemos no território.

Então, é muito importante conseguirmos fazer esse diálogo e manter esse diálogo aberto com o Executivo. Para nós, é especialmente importante, sobretudo quando estamos falando, hoje, de uma subcomissão dentro da Comissão de Finanças, que vamos trabalhar para construir, porque ela precisa ser construída dentro da Comissão de Finanças, pelo menos como um pontapé inicial. Inclusive, antes da Frente Parlamentar, precisamos construir, ainda, essa subcomissão dentro da Comissão de Finanças. Temos a disposição total. Já estamos nesse diálogo, para fazer a construção dessa subcomissão, mas, para que ela funcione, inclusive, é fundamental que o Executivo esteja fazendo essa conversa conosco, porque é com essa conversa com o Executivo que conseguimos avançar, mesmo dentro das subcomissões e comissões, dentro da Casa.

Quero finalizar, reforçando, na verdade, algo de que já falamos. Estamos em um momento crucial dentro da Casa, que é debater as leis orçamentárias, debater essas peças orçamentárias, e é fundamental que essas coisas apareçam dentro dessas peças orçamentárias. Eu acho que outro aprendizado que temos, especialmente na Cultura – e aqui foram citados vários programas dentro da Cultura –, é conseguirmos garantir que os projetos sejam executados, que não coloquemos isso dentro da Lei Orçamentária para virar letra morta, para chegar e ser barrado na Fazenda, para ser congelado e não conseguirmos executar.

Então, esse diálogo é fundamental, com o Executivo, de forma que, com o esforço que os Vereadores fizerem dentro desta Casa, com os movimentos sociais, com a juventude, com o Conselho de Juventude, para colocar essas emendas dentro da peça orçamentária,

consigamos garantir a execução dela. Que consigamos garantir que o Executivo tenha condições de aplicar, que o recurso seja liberado e que, de fato, a política pública chegue à ponta, chegue lá, a quem precisa. De fato, é um esforço coletivo que temos total disposição de fazer na nossa mandata. É muito interesse nosso e vamos continuar, com certeza, fazendo esse diálogo e contando muito.

Agradeço muito a todas as pessoas que participaram desta audiência, desta conversa. Sim, estamos felizes, porque, justamente, é um pontapé inicial para o trabalho que queremos e vamos continuar desenvolvendo.

Quero dizer ao Joaquim – que nos emocionou muito, hoje – que estamos aqui, também, para conversar sobre isso. Inclusive, temos uma CPI dos Aplicativos acontecendo na Casa. A Vereadora Luana Alves, que estava aqui, está nessa CPI. S.Exa. pediu para lhe dizer que gostaria muito de conversar com você, para fazermos essa discussão, também, dentro da CPI dos Aplicativos. É isso. Acho que, quando as demandas chegam aqui, para nós, precisamos dar vazão, precisamos responder a elas. Então, além de toda a solidariedade que podemos manifestar a você pelo que lhe aconteceu, espero que também consigamos, por meio da CPI, dar encaminhamento para ver como é que conseguimos tratar desse assunto, que é tão importante, porque sabemos que, inclusive, temos outra CPI, da Vereadora Erika Hilton, que está tratando sobre a violência contra pessoas trans.

Tudo isso precisa estar interligado. As discussões que estamos fazendo não podem ser soltas e não podem estar só aqui, no nosso discurso, mas precisamos organizar o nosso trabalho, para que elas sejam, de fato, efetivadas.

O Mário, da Secretaria da Comissão, sempre me lembra de dizer que o nosso *e-mail* é o [financas@saopaulo.sp.leg.br](mailto:financas@saopaulo.sp.leg.br) e todas as pessoas que quiserem contribuir com o debate que estamos fazendo sobre as peças orçamentárias podem enviar *e-mail* a essa conta, falando suas sugestões, suas considerações, todos os pontos que discutimos, porque esse *e-mail* chega, sim, aos Vereadores. Chega, sim, até nós, na Casa. Então, fiquem à vontade para nos mandar todas as sugestões.

Agradeço, mais uma vez, a todos e a todas. Cumprimento a Mandata Coletiva Quilombo Periférico pelo trabalho.

Em razão do término do horário – até passamos um pouquinho –, eu declaro encerrados os trabalhos da audiência pública de juventudes de hoje.

Muito obrigada a todos, a todas e a todes.

---

**CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO**  
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4  
**NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO**

REUNIÃO: **18827** DATA: **12/11/2021** FL: **53** DE 53

---